



O M Á G I C O.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Alfandega n. 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 18 DE JANEIRO DE 1852.

OS ESCRIPTORES DE NOSSA TERRA.

(*Leve mais esta p'ra seu tabaco.*)

Diz o Sr. Prospero na sua *Marmota* 223, precedendo o seo *Passar da Lua* impresso na mesma *Marmota*: "Tendo eu a gloria de provar que não faço como em geral os poetas de nossa terra que vivem macaqueando e furtando expressões, termos, e comparações dos outros.... os meus similes são originaes do meo pensamento," (seria engraçado que fossem originaes do pensamento dos outros!) "e a pintura é feita conforme meo gosto e singeleza do meo estilo."

Vamos agora ver a poezia do Sr. Prospero, e a originalidade de seos pensamentos.

Aqui triste e calado estou sózinho....

Que duvida! se fallasse só, dir-se-hia que tinha o miolo voltado! Este verao é d'extrema elegancia.

Contemplando o poder da Natureza,

Isto é proza?

Do mundo as tyrannias receando,

Neste valle tão triste em que vivemos

Então valle e mundo não quer dizer a mesma couza?

E como receia no mundo as tyrannias do mundo, e se não atira ao mar?

Aqui recordo triste, aqui suspiro....

São 3 tristes em 5 versos

Pela Ninpha gentil dos meos amores...

E' sedição! e muito corriqueiro nas eglogas. Mas nós o desculpamos, porque enxergamos neste verso um arroto de vaidade para fazer persuadir, que ainda tem amores! Fôra gaiteiro!...

*Aqui recordo o tempo da innocencia
Des-e amor infantil, ternu, mimoso.*

Então amor infantil é o mesmo que innocencia?! Ora Sr. Prospero, outro officio-
*Aonde o pensamento sem cuidados
Corre livre da vida a estrada alegre.*

Todos estes pensamentos respeito á innocencia, são seus originaes do seu pensa-
mento, não são Sr. Prospero? Entretanto quando nós mamavamos, já ouviamos dizer
a nossos pais "Innocente Magico... sim Sr. porque nós tambem já fomos innocentes,
e inda hoje não deixamos de o ser, mas dizião nossos pais" folgas e ris sem cuidados
na estrada da vida. E aquelle alegre Sr. Prospero, concorda com vida? Então como
diabo as tyrannias do mundo, que Vmc. receava, fazem a vida alegre?!

Aonde entre os meninos do meo tempo...

Morreo o Neves! se Vmc. era menino, é claro que os outros meninos erão com-
temporaneos.

Eu menino tambem....

Já estava dicto, que Vmc. era menino, para que repetições?

Gozei meos dias

Brinquedos, passarinhos, flores fructas

Lá nas fontes do bosque....

Erão com effeito fontes de nova e pecie! Vmc. Sr. Prospero, é o feliz em ter a
ventura de descobrir essas fontes, que em vez d'agoa deitão tanta mochinifada.

.... Onde corria

Uma agoa cristalina entre pedrinhas

Saudosa discorrendo em murmurio!

Este pensamento Sr. Prospero, tambem é original seu do seu pensamento? Heim?
Ora não s'envergonhe, diga que o furtou!

Rico então me julguei de força e genio,

A respeito de genio não era só então, ainda hoje: se de força não sabemos,
mas a julgar-se tambem rico nessa parte, dir-lhe-hemos, que hoje a Alfandega em-
prega braços livres

Era vida e mais vida o meu viver...

Olhe, que em verso heroico os versos agudos são pouco uzados, por serem pouco
eadentes.

Era gloria e mais gloria meo futuro....

Hoje não, é especulação, e mais especulação!

Encantos, poezia, amor ternura

Sem cuidados soffrer, sem duras magoas

Que uma idade maior me vem trazendo!....

Quasi fez uma charada, porque o pensamento que faz continuar nestes versos,
já estava completo no verso precedente.

Aqui sentado quero recordar....

Ahi temos outro verso agudo!

Aqui meigo poeta afina a lyra

Meliflua poezia improvisando

Derretido em amor, doçura e flores...

Afinar lyra, meliflua poezia são expressões furtadas: *poeta derretido em flores*,
é expressão original do seu pensamento, que diz Sr. Prospero? Isso cremos nós, porque
seria diffieil outro dizer esta asneira. Acresce que o verso, *Meliflua poezia impro-
visando*, sahio um pouco mais crescido que os outros. Seria bom mettel-o outra vez
na forja.

A lanterna de Deos gira suave

Que pensamento! grandioso e estupendo! Pena é que no fim de contas seja uma
sandice Deos nunca teve lanterna, por não lhe ser mister, por que para elle

ha nunca trevas ? ! e depois como vai Vmc. chamar lanterna à lua, quando ella não é corpo luminoso ! Esta só lembra ao diabo e a Vmc.

Abrindo as nuvens, afastando as sombras.

Não ficaria o verso mais elegante se dicesse:

Abrindo nuvens, afastando sambras.

O veo das trevas que escurece a terra ! . .

O veo das trevas, não pode *clarear* a terra, forçosamente havia escurecel-a ! Foi uma idea nova, um achado que Vmc. julgou ter feito com a sua originalidade do seu pensamento.

E' não de brilho que soltou carreira.

Perdoe-nos o Sr. Prospero, ha neste verso abuzo da liberdade poetica ! Aquella preposição *de* faz o *brilho* ser materia que compoem a não, e então nos queria parecer a não muito pequenina em relação ao brilho de uma lua, que invade todo o Ceo e terra.

E' branca pomba que cortando os ares...

Agora ja a lua é pomba ! Ora de pomba a não a differença, em tamanho é de muitos pés.

E. medalha de vates prata fina

Ora vamos em que ficamos ? E' pomba, medalha ou não ? ! E' preciso sabermos para podermos idear qual figura tinha a sua lua, porque estas 3 couzas differem tanto na figura como no tamanho.

Premulando uma luz branca enxofrada

Aqui temos agora a claridade da lua tendo côr de enxofre !

Longos raios de jaspe sobre as folhas...

Ficamos sabendo que o jaspe tem cor d'enxofre.

La passou n'uma torre; oh ! que belleza !

Que quadro encantador, sublime vista !

Devia ser admiravel ! de por a gente de boca aberta ! Uma lua passando n'uma torre ! ! Nem nós sabiamos que houvessem torres que subissem tão alto, nem luas que pudessem tanto.

Passamos agora por cima de carros e carretas, por que este artigo vai mais comprido do que desejavamos, e cheguemos ao final.

Minha lua querida, eu te idolatro,

Tu és o quadro que me dà consolo,

Tu és a Virgem que eu adoro n'alma !

Destes 3 versos, o primeiro é redundante, o segundo hyperbolico e o terceiro sacrilego ! E' redundante, por que sendo a lua querida, estava entendido que seria idolatrada, por que a *idolatria* representa o mesmo affecto que o *querer*. E' hyperbolico, por que sendo a lua um só objecto, nunca podera constituir um quadro. E' sacrilego, por que compara a lua com a Virgem Santissima, e a antepoem na adoração à lua ! Pelo menos é o que se pode deprehender daquelle *Virgem*, com letra maiuscula.

Temos acabado Sr. Prospero, resta nos dizer-lhe que se conheça melhor, para não nos dar iguaes massadas, porque estamos com firme proposito de analizarmos todos os versos que soubermos ser de sua lavra.



MOTTE.

O symbolo do amor e da ternura

SONETO.

Cruel ! tem dó de mim, tem piedade !
De ser teu cachorrinho eu já fiz voto,
Se dizem por ahí que sou marôto,
Ah ! não julgues, meu bem' q'isto é verdade

O fogo da paixão, na minha idade,
E' quem me obriga ás vezes ser garôto,
Não ando esfarrapado, sujo ou rôto,
Pois negociante sou d'esta Cidade.

Ser das nymphas do rio (*) tão querido,
Tenho (verdade seja) esta ventura,
Que me deu o vendado deus cupido.

Apezar destas ventas de força
Vêde Annalia, meu bem, neste atrevido
O symbolo do amor e da ternura.

Carapins.

VARIAÇÕES DE REBECA.

Pela Nympha gentil dos meus amores....

(Isto é Velho)

O' tu, vate sem par, Prosp'ro Diniz,
Digno filho da terra da moqueca,
Insigne trovador, de marca X
Da-me o lá, que afinar quero a rebecca;
Mas se és charlatão, como se diz
Vai-te com satanaz, leve-te a breca
Que essa Nympha gentil que tu namoras
Por-te-ha freio na voz, na marcha esporas.

A terna lua que te falla n' alma
Na cabeça também te falla as vezes.
Muito mais no intenso ardor da calina
Quando ella procura os seus freguezes,
E tu, que nisto levas sempre a palma
(Haja vista os teus bellos entremezes)
A lua te armará tal corriola,
Que mettido serás em camizola.

Derretido em amor, docura e flores,
Qual toucinho em quente fregideira,
Pela Nympha gentil dos teus amores,
Rapada será logo a cabelleira;
Mas se o tempo abrandar os teus furores
Q'inda tornes a ver o pote e esteira,
Será tal o prazer e o gosto tanto
Que uma pipa haverá em cada canto.

Então lá desse imperio grandioso,
D'onde és Corregador da farçalhada,
O povo p'ra mostrar-se obsequioso,
Monarcha te fará por cassoadá;
E o estro bolorento e carunchoso
Que na bola te dá tanta pancada
Meliflua poezia improvisando
Um berro soltará de quando em quando

O Resina.

(*) E' das — Lavadeiras — que queremos fallar.

COMMUNICADO.

UMA EXECUÇÃO.

Presente ao religioso que fez a pratica.

A Lei punia um criminoso no dia 12 do corrente, no largo de Moura, e o padecente, que havia subido os degrãos do patibulo de charuto na boca, e com o mesmo ar de nenhuma contricção, que tinha conservado até aquelle momento, em quanto o executor lhe amarrava os pés, começou a dar sahida ao odio que inda naquelle momento guardava á sua victima, chamando-a de *malvado*, dizendo que *estava pagando no inferno* etc, etc, era um escandalo! e que devia inutilizar o rigor da lei que o punia! Era uma dureza no crime, que devia acoroçoar outros!... Com tudo elle morreo! o exemplo estava feito, e o crime devera emxergar nesse triste espectaculo, que apezar das immunidades que a justiça humana concede aquelles, que chegam aquelle lugar, a morte é sempre a sua ultima razão.

Mas o que foi inqualificavel foi o procedimento do religioso que fez a pratica depois da lei satisfeita! Se as faltas de um escravo que vai morrer por haver assassinado seu senhor, e que se mostra endurecido no crime, podem acoroçoar e animar o crime, o que não farão as palavras do religioso que o acompanha, e a quem é imposto o dever de fazer exemplificar aquelle acto, quando ellas quazi santificão o crime, e culpão a victima?

E' espantoso tal proceder! Mas por mais espantoso que seja, não amedrontou o religioso que na terça feira teve de fazer a pratica depois da execução do paciente!.... Ali, em prezença de uma multidão apinhada, para ver a execução, e ouvir a pratica, forão soltadas estas e outras expressões, por esse religioso de cima do patibulo: *Srs. vós é que sois culpados destes actos, porque não vendeis os escravos, quando elles pedem venda etc etc.*

Com quanto estas palavras, sejam verdades, não erão por certo para serem proféridos em presença de uma execução feita por um motivo semelhante. Que illação deve tirar um escravo d'essas palavras, proferidas por um homem de Deos?! Julgará que pelo simples facto, a pedir venda, fica authorisado a matar seo Senhor, e que quando por isso seja punido pela justiça dos homens, a justiça de Deos lhe ha de ser propicia e favoravel.

Espero não ter tão cedo que assistir a igual espectaculo; por que confio, que os exemplos que temos tido, servirão não só para os escravos reconhecerem a sua posição e deveres, como para os Srs. sentirem melhor que os escravos são homens, que também tem paixões, e que é preciso não affrontal-as. Mas quando por nossa desgraça tenhamos, que punir crimes semelhantes, em nome da nossa sociedade pedirei ao nosso Governo, que haja de tomar providencias, para que os criminosos não se valhão do lugar para

cuspir na cara á sociedade que o pune, e ao Guardião de S. Antonio, que mande antes religiosos encanecidos na penitencia, que bem comprehendão sua missão, do que mocinhos imberbes, peçados inda de paixões mundanas, utopistas em humanidades, e cuja ignorancia faz a toda a sua audacia.

J. J. Duarte.

TRANSPARENTE.

Oh que carinhas! que figurinhas! maldicto *vidro* que faz transformarem-se em sombrinhas as mais bem representadas e estupidissimas pessoas! Até este maldicto melquetreze quiz tambem observar no vidro, e fez tamanha careta que m'o arranhou, por isso não tenho podido apresentar perfeitas sombrinhas! Parecia o burro quando faz caretas ao Céu pedindo chuva; tudo porque conheceo aquella ali, vio que era a de um escrivão muito cheio de r r e ss, e entretanto lá chucha agora daquella pessoa certa balinha recheada para fazer certas passagens ali n'aquella papelada, que está em cima da banca. Com effeito é uma praga! gente venal e traicoeira, toma assim conta deste desgraçado meio, que o perverso inventou, para corromper ou vencer os outros. Elles porem teem razão, porque dizem que comem, pagão caza, vestem-se e etc. e para tudo isto é necessario dinheiro e muito, e pelo lado do bom caminho não se acha furo. Isto acontece nos viajantes que rara vez na estrada plana achão um regato para matar a sede; é sempre necessario ir ás grottas ou ribanceiras. Agora passa aquelle que parece homem de bem; entretanto é um Tabelliño que reconhece firmas, que são mesmo *firmas* que elle nunca conheceu, porem o cobre que cai é tentador, não se póde resistir. — Vês aquelle meio barregudo que tem muitas relações com a Relação, pois tem uma boa guella, engole soffrivelmente; sabe demorar autos, sabe fazer suas *embaçadellas* as partes; qualquer couza que se pede no cartorio (tem ronha) põe difficuldades até que se lhe aperte a mão na despedida com alguma coizinha amarella ou encarnada. — Vê aqui depressa, olha para aquelle Escrivão que acaba de passar um mandado só porque o freguez largou sobre a banca um papel amarello com feições de bilhete de vinte mil reis. Chegou, olhou para a nota, e não vês como está com uma demonstração de prazer, entretanto para não dar a perceber ás pessoas que estão no cartorio perguntou — „ quem botou isto aqui?! Ora, isto não tem lugar! — „ Bem se sabe que o bilhete não tinha lugar sobre a banca mas sim na algibeira do tal amigo para onde passou immediatamente.

— Infelizmente para nós tudo está de semelhante e ainda de peor modo, em muitos cazos, porque esses senhores, por onde fazem sua dependencia, quasi todos que se veem a braços com a chicana, ou com a justiça, uma disposição admiravel para se trocarem por din-

heiro; que é um Deos nos acuda! Estás lembrado daquelle que falsificou o testamento? pois esteve na calêa, como é sabido e por artes do diabo, sahio junto com um pedaço de carne assada dentro de uma caxa e o melhor é que foi servir de escandalo nã casa de certo figurão (a quem Deos haja) e ahi esteve até bolar-se a pnnos; valha a verdae: mas tambem correo muito dinheiro.

Ainda temos muitas figuras, agora estou cansado de fazel-as passar.

Tomàra eu que ellas todas fiquem melhores.

O Pucha vistas.

MISCELLANEA.

—Do thelegrapho phosphorico cahio a noticia que a lembrança de se transformar em — Misericordia — a lida com os dsfuntos, foi nma mina para a — chuchadeira; — os pobres coitados ja causão agonia dos vivos pelo incommodo dos enterros; entretanto não se diga que è feio. Agora ja se pode morrer feito —anjo, porque leva-se um cortejo de —enchota mosquitos, armados de vara! Ora quem dera a lembrança das varas para sacudir o lixo da especulação e patronato.

Descobrio-se uma machina para fazer — arregalar os olhos dos guardas da Illm. a fim de os por em tal sarilh: que nao deixem ficar sem cova os gatos, cachorros cavallos e galinhas etc, que por ahi andão mortos. Agora ha uma companhia para enterros, apesar de nao estar na tabella o preço des'es dsfuntos.

— O sujeito que diz — que a cara lhe cahio no chão por ver o frade nas grades da prizão, que pague a quem a achou, no corpo de um cameleão.

— Um individuo que se retira brevemente para sua patria' desgostozo desta maldita terra, aonde apenas ganhou a insignificante somma de 200 : 000 000, que os vai comer em santo ocio; pretende vender uma obra (composição sua) muito utila todo aquelle que quizer por-se ao facto dos mysterios do Rio de Janciro, cuja obra contem a vida publica e particular de muitas familias desta capital; seos nomes cognomes, teres e haveres e capacidade; uma relação de todos os negociantes, marcando-lhes o prazo que poderão durar até a sua quebra isto é tão somente o que diz respeito aos tratantes e pingas, porque em quanto aos homens de bem diz elle que nunca os conheceu; alem de outras couzinhas muito interessantes desta dita obra contem ellauma despedida em latim a todos os habitantes desta terra lançando-lhes a sua maldição.

— *Alviçaras! a quem descobrir a causa pela qual os Irmãos Mercurios da Santa Casa não acompanharão o PADECENTE a quem descobrir o motivo pelo qual os Senhores Juizes de Direito se recusam a esse dever? E' entao nao se dá!... O jogo nao é do Milha! Não há a pena de ino mudo.*

— E' muito de suppor que cresça agora o numero das visitas na Roda porque todos negarão os seus filhos pelo trabalho que ha em baptizal-os, e enterral-os. Conhecemos um sujeito que só para dar parte ao Escrivão que o filho tinha nascido gastou dez mil reis! O que não gastará no resto!! Vamos para o selibato que já não se póde viver de outra fôrma.

— Aquelle buraco que existe na rua dos Benedictinos, dizem que é um alçapão para apanhar o Fiscal de Santa Rita, e como communica a uma valla S. S. cahindo levar-lhe-ha o diabo por ali a dentro ate dar com o nariz nas Posturas da Illustrissima que lá estão no lôdo enterradas.

— Do telegrapho fosforico cahio, a noticia que um mestre carpinteiro querendo experimentar se os telhados podião ser suspensos so com a força elastica do ar, em uma obra que elle dirigia tirou a escora que sustentava o telhado, que cahindo esmagou um preto escravo do dono da obra! E como mortos não fallão, o mestre carpinteiro attribuiu todo o desastre ao proprio defunto, morrido. Isto não foi na obra do Largo do Capim, não!



CHARADA.

Sou terra de Portugal 2
Nunca m'encontras lá 1

CONCEITO.

Se me queres achar já
Me procura no quintal.

R. C. A.



ESTUDOS THEATRAES.

Por falta d'espaco não póde entrar o artigo do nosso *Chico*.

Do Redactor.

FOLHETIM DO MAGICO.

(Continuação do numero 9)

Ella desprezou todos os seus pensamentos, e para melhor distrair-se buscou uma outra occupação. Estava sobre a meza, aonde a rainha a tinha posto, a carta de Mazarin, ella vio-a, e antevendo que acharia nella novas d'alta importancia, abriu-a, e leo:

Senhora.

« E' tempo de decidir-vos. Os estados da Suecia estão promptos a repôr sobre vossa cabeça a corôa, que o successor que lhe destes não pôde sustentar: mas faz-se preciso, que este arranjo traga comsigo a alliança da França com a Suecia, vós bem sabeis porque preço será esta alliança. E' necessario que façais escolha de um marido que não possa assustar a susceptibilidade da França, quanto a mim, não ignorais que escolha vos aconselharei, e mantereí com todas as minhas forças. »

Aqui parou Christina, e murmurou entre seus dentes: Italiano, Italiano, sempre Italiano...

« Quem quer que seja, é preciso decidir-vos. Espalhou-se na corte um libello infame contra V. M.: vossos projectes de rehaver o sceptro da Suecia são revelados e combattidos nelle, em termos que devo occultar-vos. »

Christina deixou cahir a carta. Esta liberdade da vida privada, que ella tinha invocada com tanto fausto abdicando a corôa, começava a ser-lhe pezada. A actividade de seu espirito, que não servia mais á pratica de suas theorias, mas somente á vans discussões; a necessidade d'occupação, que as viagens mais activas não poderão nunca satisfazer, tudo lhe tinha feito ter saudades de seu officio de rainha, como ella lhe chamava. Ao mesmo tempo, seguindo os actos do governo de Carlos-Gustavo, experimentava a impaciencia do jogador, que tem cedido o lugar a outro e que vendo-o commetter erros grosseiros, tem dezejos de arrancar-lhe as cartas da mão. Estas cartas eram para Christina, o supremo poder: e de qualquer maneira que sejam jogadas, a partida rende sempre bastante aquelle que as tem, para que lhe sejam cedidas de boa vontade.

Christina previa, ser preciso uma revolução para que ella fosse restaurada no throno da Suecia, mas a difficuldade da empreza não a fazia senão mais seductora aos seus olhos. Tinha pois aproveitado a sua assistencia em França, para dar começo a uma intriga com Mazarin, rezervando-se para levar ou fazer parar as couzas onde conviesse ao capricho, que a dominasse no momento da execução.

Demais a obrigação de escolher um marido lhe tinha sido imposta pelos membros dos estados da Suecia, que se tinham offertos a servir a cauza: querião talvez prevenir a renovação d'intrigas aque dá nascimento em uma corte a existencia de uma rainha solteira, ou esperavão que algum d'elles se faria rei, refazendo uma rainha.

E' o que se torna impossivel dicidir; mas o que é certo, foi Monaldeschi encontrar em Mazarin um alliado poderoso, que lhe tinha promettido toda a sua influencia sobre a rainha, sob a condição, de mais tarde por sua via assegurar á França uma influencia sobre a Suecia.

Christina não precisava ler esta carta, para saber porque meio se pertendia constrangel-a a um cazamento, de que em outro tempo tinha dado esperanças a Monaldeschi. Desde muito que estava resolvida a fugir a esta dupla importunação, e á transacção que lhe era proposta por Mazarin. Para esse fim já tinha pedido licença a Cromwel para ir á Inglaterra, contando achar nelle sem condicção, o apoio que Mazarin lhe queria vender tão caro, porem mao grado as lisonjas com que a rainha tinha feito cocegas á vaidade do protector, Cromwel tinha recusado, e a noticia já tinha chegado a Christina.

Um instante de triumpho de mulher, tinha distrahido a rainha das preocupações politicas, quando esta carta tornou a dar-lh'as. Na impaciencia de ter sido perturbada na alegria a que se tinha entregue um momento, atirou com a carta com colera, e andou para o seo leito para deitar-se, e abrio os lençoes. Ficou surprehendida vendo entre elles um pequeno caderno de capa amarella, e por um presentimento singular, esta mulher, tão resoluta, pegou nelle com o medo, que se deve ter ao pegar em uma cobra. Deitou os olhos ao titulo, e leo: *Avisos aos povos da Suecia respeito a ex-rainha Christina.*

Christina voltou a pagina com um terror indefinivel, e com um olhar devorador percorreo as primeiras linhas deste abominavel escripto. O que leo, devia ser bern horrivel, por que ella se commoveo pouco a pouco, fez-se successivamente pallida de colera, vermelha d'indignação, e acabou por levar a mão à cabeça, dando um grito de raiva. Então correndo como louca em seo aposento, cahio em um destes accessos de furor, que mais tarde tornarão-se epilepsia segundo se diz,

Suas mulheres correrão a seos gritos, uma d'ellas foi para o lado da antecamera para chamar soccorro, em quanto outra corria ao quarto de Landini, que em sua qualidade d'alchmista fazia as vezes de medico. A primeira encontrou Clairet, que devia ao seo primeiro estado de barbeiro alguns conhecimentos chirurgicos, seguiu esta mulher ao aposento da rainha, que entregue a uma colera desarrazoada, soltava exclamações insensatas. Quando vio Clairet, deixou escapar um grito d'alegria, e lançando-se a elle, trouxe-o para juncto da meza, e lhe dice: Toma, lê.

O velho baixou a cabeça confuzo e descontente, em quanto Christina, pondo seo dedo sobre a pagina, lhe repetia: Aqui... aqui.. Magus... Shumlack..... e tu tambem... Elles sabem tudo.— Sahide, diz o velho com um tom violento dirigindo-se às mulheres que tinham ficado na camara, e sem perceber que Marianna não estava com ellas.

Retirarão-se, e Christina batendo com o pè, replicou com mais raiva: Infames! Infames! e eu fui rainha, tive juizes, tive carrascos, e perdi tudo isto! Louca! louca! mil vezes louca!

— Tudo isso se encontra, diz Clairet, quando ha necessidade.

— Necessidade! exclamou Christina com uma raiva amarga... vê se tenho necessidade, lê.

— Ah! sabeis muito bem, que eu não conheço uma letra.

— Então que vieste cá fazer, diz a rainha.... quem vos chamou?.... quem vos permittio entrar?

— Pedirão soccorro, replicou Clairet, e eu acudi! Comprehendo que é um crime.

A estas palavras, depois de tantas commoções violentas as lagrimas de Christina romperão de seos olhos e mitigarão

a exaltação de suas ideias, mas não a violencia de sua dor.

— Me abandonas também tu? exclamou a travez de seus soluços, não estarei cercada senão de traidores, e inimigos?... Clairet... Clairet... tu não deves estar zangado comigo.... elles me fizeram muito mal...,

— Mas em fim o que contem esse papel esse libello diffamatorio?

Horriveis segredos: escuta-me... ou é Satanaz quem descobrio a seu auctor tudo quanto contem nas primeiras linhas que li.... ou è um...

Callou-se.

— Ou è um homem que tendes amado bastante para lhe revelar tudo, acrescentou Clairet.

— Teo odio a Monaldeschi cega, Monaldeschi não sabe tudo.

— Quem pois estará tão bem instruido?

— A ti é que te devo perguntar, porque ha alli uma expressão que te acuzar.

— A mim?

— Tu sim: lê, e responder-me-has depois,

— Dai cá, diz Clairet, eu vou fazerm'o ler pelo meu afilhado.

— Fazer-t'o ler por outro !... Iniciar outro nestas horriveis revelações!

— Então lede-o vós mesmo.

Christina olhou em torno de si, como se tivesse vergonha de ser vista, no que hia a fazer, e replciou em voz baixa, como se receiasse ser ouvida.

Clairet, tu tens astucias infernaes para descobrir segredos os mais impenetraveis: ha poucos homens d'entre estes que me cercão, que tu não me tenhas dicto as traições. Tenho pago bem caro tuas revelações, e deves estar satisfeito: pois bem diz-me o nome do homem que fez este diffamatorio, e te pagarei com a moeda que te tenho recusado até agora: eu te ennobreço, faço-te barão, far-te-hei conde se assim quizeres.

— Far-me-heis conde! exclamou Clairet.

— Far-te-hei conde, mas se não me nomeares o auctor serás tu o culpado, e eu te puno,

(Continúa)